

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

ADEMILSA MARIA DA SILVA

A APRENDIZAGEM DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

**JOÃO PESSOA - PB
2013**

ADEMILSA MARIA DA SILVA

A APRENDIZAGEM DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Rosemary Evaristo Barbosa

**JOÃO PESSOA – PB
2013**

S586a Silva, Ademilsa Maria da.

A aprendizagem da leitura nas séries iniciais / Ademilsa Maria da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2013.
47f.

Orientador: Rosemary Evaristo Barbosa
Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância)
– UFPB/CE

1. Dificuldades de aprendizagem. 2. Leitura. 3. Concepções de alfabetização. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 028 (043.2)

A APRENDIZAGEM DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro
de Educação da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito institucional para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

APROVADA EM: ____/____/2013

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosemary Evaristo Barbosa
(Orientadora)

(Examinadora interna)

(Examinador interno)

JOÃO PESSOA - PB
2013

Dedico esse trabalho à minha filha Sthéfani, a incondicional incentivadora dos meus sonhos, a pessoa que sempre está ao meu lado em todos os momentos. Dedico ao meu esposo Alberto, que sempre me deu força, coragem e constante apoio para seguir em busca de meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre iluminar meus caminhos e por fazer com que mais esse sonho se realize; a minha família que é à base da minha vida, sinônimo de amor, compreensão e dedicação; em especial ao meu amigo Ednaldo Justino e Joseane, as minhas colegas de curso, Elane e Joelma, que estiveram juntas comigo na realização deste trabalho, por tudo que pudemos compartilhar - a convivência, as alegrias, as frustrações, as descobertas - enfim, pelo que aprendemos.

Aos nossos mestres que contribuíram para nossa Formação Acadêmica, especialmente a Orientadora Professora Rosemary Evaristo que não mediu esforços para realização e construção desta pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa traz uma abordagem reflexiva, mediante a qual se discute o processo de aprendizagem na leitura, a qual é considerada fundamental para a integração do indivíduo na sociedade. No entanto, esta tarefa tem gerado insucessos, nos primeiros anos de escolaridade, havendo mesmo um número significativo de crianças que não conseguem compreender a natureza da atividade, respondendo às exigências que a escola faz em termos de aprendizagem. É frequente e bastante elevado o quantitativo de alunos que revelam dificuldades de aprendizagem nesta área, condicionando toda a sua trajetória escolar. Partindo desse pressuposto delimitamos como objetivo geral: analisar a situação do ensino aprendizagem em relação à leitura no período de alfabetização. Como objetivos específicos, definimos: descrever as concepções de alfabetização que permeiam a escola até hoje; relatar como se dá a prática da leitura em sala de aula; descrever alguns fatores que influenciam no processo de leitura nas classes de alfabetização; diagnosticar como se dá as concepções e práticas de leitura pelos professores e alunos pesquisados. Estabelecemos as seguintes hipóteses: O sucesso da aprendizagem da leitura das crianças depende de fatores de cunho cognitivos, pedagógicos, bem como de um ambiente estimulante na sala de aula. Numa primeira fase, a investigação assentou-se na revisão bibliográfica. Nela é feita uma abordagem sobre as concepções de alfabetização que continuam permeando a escola; a aprendizagem da leitura nas perspectivas educacionais. Posteriormente abordam-se aspectos como: o educador e a prática da leitura em sala de aula e os fatores que dificultam a aprendizagem da leitura. Apresentamos a metodologia que tem como suporte dois questionários (um para professores, outro para alunos) que visam aferir como se dá a aprendizagem da leitura. Por fim, verificamos que a aprendizagem da leitura é uma temática que, embora já tenha melhorado bastante, ainda requer mudanças na prática pedagógica dos docentes, necessitando investigação contínua e um processo de permanente atualização pedagógica e, que o aprendizado da leitura não depende apenas de fatores relacionados ao processo pedagógico, mas também de cunho psicológico.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Leitura. Concepções de alfabetização.

ABSTRACT

This research provides a reflective approach, in which we discuss the learning process in reading, which is considered crucial to the integration of the individual in society. However, this task has caused failures in the early years of schooling, there are even a significant number of children who fail to understand the nature of the activity, responding to the demands that school is for learning. It is often very high and the amount of pupils who have learning difficulties in this area, affecting his whole school career. Based on this assumption delimit general objective: to analyze the situation of teaching and learning in relation to reading literacy in the period. The specific objectives defined to describe the conceptions of literacy that permeate the school today; report how is the practice of reading in the classroom; describe some factors that influence the process of reading in literacy classes; diagnose how is the conceptions and practices of reading teachers and students surveyed. Established the following hypotheses: The success of learning to read children depends on factors imprint cognitive, pedagogical as well, and a stimulating environment in the classroom. Initially, the investigation was based on literature review. It is made an approach to the concepts of literacy that still permeates the school, learning to read the educational prospects. Subsequently address aspects such as: the educator and the practice of reading in the classroom and the factors that hinder learning to read. Here is the methodology that is supported by two questionnaires (one for teachers and one for students) aimed at measuring how is learning to read. Finally, we verified that learning to read is a theme which, although it has improved considerably, still requires changes in teachers' pedagogical practice, requiring continuous research and a process of continuous updating teaching and that learning to read depends not only on factors related to the educational process, but also psychological imprint.

Keywords: Learning Difficulties. Reading. Conceptions of literacy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS	14
2.1 As Concepções de Alfabetização que permeiam a escola até hoje	14
2.2 Como a escola Concebe a leitura	17
3. FATORES QUE INFLUENCIAM NA APRENDIZAGEM DA LEITURA	20
3.1 O Educador e a prática da leitura em sala de aula	20
3.2 Fatores que dificultam a aprendizagem da leitura	23
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
4.1. Delineamento da pesquisa	28
4.2. Cenário	28
4.3. Sujeitos	29
4.4. Instrumentos	30
4.5. Procedimentos	30
5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	31
5.1 Percentuais dos dados de pesquisa (Professores)	31
5.2 Percentuais dos dados de pesquisa (Aluno)	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE	43
A – Termo de consentimento livre e esclarecido	
B – Questionário para o professor	
C–Questionário para o aluno	

1. INTRODUÇÃO

O interesse pela questão da leitura no período de alfabetização é de fundamental importância, pois promove uma reflexão a respeito do desenvolvimento dessa atividade, nos anos iniciais. Um desafio que com certeza precisa ser superado através de discussões e debates em prol da alfabetização, a fim de melhorar sua qualidade.

A reflexão acerca da necessidade de mudanças na organização do ensino é compreendida, também, pela União, a qual modificou a Lei 9.394/96 (LDB) que regia o ensino em oito anos. Nesse período era obrigatório o acesso à escola a partir dos 07 anos de idade e a concepção de alfabetização que permeava o ensino estava centrada nos métodos tradicionais de ensino.

Com a perpetuação do fracasso escolar, referente ao desempenho da leitura e escrita, algumas medidas vêm sendo efetivadas, a nível nacional. Uma delas é justamente a ampliação do ensino fundamental para nove anos como forma de garantir que os alunos iniciem o processo de alfabetização aos seis anos de idade – fase que incluía a idade entre os seis e catorze anos. (LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

De acordo com essa mudança na organização do ensino o processo de alfabetização inclui os três primeiros anos (1º ao 3º ano), diferenciando-se do ensino em 8 oito anos que visava alfabetizar a criança em apenas um ano.

Na busca de novos rumos para o ensino brasileiro, a LEI nº 12.796, de 04 de abril de 2013 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 torna a “I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: a) pré-escola; b) ensino fundamental c) ensino médio”. (LDB).

Com essa mudança a educação infantil passou a fazer parte do ensino fundamental, o qual ficou organizado com cinco anos iniciais (dos 6 aos 10 anos) e com quatro anos finais (dos 11 aos 14 anos).

Observa-se, mediante as mudanças nas leis, que regem a educação brasileira, a preocupação com processo de alfabetização e as práticas de ensino da leitura e escrita. Por isso acreditamos na necessidade de refletir sobre o papel do alfabetizador, bem como o fato

de que a escola precisa ser vista como um ambiente prazeroso, que proporcione conhecimentos e ideias críticas comprometidas com as mudanças educacionais e sociais, oferecendo aos alunos o direito de ser sujeito de sua própria história.

Sabemos que sociedade moderna exige do sujeito, cada vez mais, uma participação crítica e ativa. Portanto, é fundamental o reconhecimento do papel da escola na sistematização de atividades que viabilizem cada vez mais o aprimoramento desta aprendizagem e a apropriação, pelo aprendiz, deste conhecimento.

Conforme os PCN's (1997) a reflexão acerca dos modelos pedagógicos que norteiam as práticas de sala de aula aponta, cada vez mais, para a necessidade de mudança que propicie uma atuação mais condizente com a visão de sujeito atuante, o que requer uma reestruturação do saber e do fazer do professor das séries (anos) iniciais no que diz respeito ao ensino da leitura.

A leitura no contexto em geral torna o educando um ser capaz de saber lutar pelos seus direitos e deveres, dentro da sociedade, trazendo o saber pedagógico diferenciado visando o social e o cultural e dando uma visão de mundo construtivo possibilitando aos educandos novas chances de praticar outras atividades que levem os mesmo a enriquecer seus conhecimentos na aprendizagem.

De acordo com os PCN's, (1997, p. 56):

[...] é preciso agir como se o aluno já soubesse aquilo que deve aprender. Entre a condição de destinatário do texto escrito e a falta de habilidade temporária para ler autonomamente é que reside a possibilidade de, com a ajuda dos já leitores, aprender a ler pela prática da leitura. Trata-se de uma situação na qual é necessário que o aluno ponha no jogo tudo que sabe e descobrir o que não sabe, numa situação de aprendizagem. Essa circunstância requer do aluno uma atividade reflexiva que, por sua vez, favorece a evolução de suas estratégias de resolução das questões apresentadas pelo texto.

O que se percebe, referente ao ato da leitura, é que muitos educandos decodificam adequadamente a escrita, porém, ler é um ato que vai além de decifrar códigos. Esta atividade requer a função de compreender o que leu e utilizar o que aprendeu em diversas instâncias e situações da vida social.

Sobre isso Soares (1998, p. 47) pontua que “[...] o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”.

O meio para garantir uma formação adequada que leve esses alunos a um bom desempenho em leitura deve acontecer nas salas de aula, porém isso não acontece de forma satisfatória. Desta maneira, o desenvolvimento desta pesquisa poderá apontar caminhos em busca de soluções para o problema em questão, haja vista, que este problema se perdura ao longo da vida escolar do aluno. Pois o que a realidade nos mostra é professores sem recursos e estímulos, dificultando, assim, a tarefa de ingressar esses alunos no mundo da leitura.

Nesse viés, baseamos nosso estudo no seguinte problema: Como os métodos de alfabetização influenciam no desenvolvimento da leitura, na perspectiva de um leitor eficiente?

A fim de respondermos a esta questão, delimitamos como objetivo geral analisar a situação do ensino aprendizagem em relação à leitura no período de alfabetização. Para tanto, buscamos descrever as concepções de alfabetização que permeiam a escola até hoje; relatar como se dá a prática da leitura em sala de aula; descrever alguns fatores que influenciam no processo de leitura nas classes de alfabetização e diagnosticar como se dão as práticas de leitura pelos professores e alunos pesquisados.

É, portanto, com a perspectiva de tentar contribuir, fornecendo aos educadores subsídios teóricos que os levem à reflexão sobre algumas das dificuldades de aprendizagem na alfabetização, que elaboramos este TCC, a partir do qual tentamos esclarecer que muitas são as dificuldades encontradas no processo de alfabetizar e, se fôssemos aqui enumerar e descrever cada uma delas, certamente, este trabalho se tornaria extenso e, essa não é nossa intenção. Portanto, nos deteremos em apenas uma dessas dificuldades de aprendizagem que se refere à questão da leitura.

Referente às questões metodológicas, pesquisamos em uma escola pública do município da Escada, uma vez que tenho experiência enquanto educadora e pesquisadora. A metodologia escolhida foi observação do campo empírico, a fim de explorá-lo; e o instrumento adotado para a coleta de dados foi o questionário, que foi aplicado com oito (08) educadores e trinta e dois (32) educandos da instituição observada e questionada. Os questionários aplicados foram compostos por 05 perguntas fechadas sobre o processo de ensino-aprendizagem da leitura. 2) Na organização e interpretação das informações foram utilizados procedimentos de estatística para analisar as relações entre as respostas fornecidas pelos estudantes às questões.

Vale ressaltar que a nossa pesquisa foi dividida em três capítulos. O primeiro capítulo refere-se à Escola e o desenvolvimento da leitura em classes de alfabetização, o

qual traz uma breve abordagem sobre as concepções de alfabetização que permeiam a escola ainda hoje; a criança e o hábito da leitura. No segundo capítulo, no qual tratamos dos fatores que influenciam na aprendizagem da leitura, abordamos assuntos referentes ao educador e à prática da leitura, e como a escola concebe a leitura. No terceiro capítulo faz-se a exposição e a descrição do processo de pesquisa de campo, como também de seus resultados. Por fim, apresentamos nossas considerações finais a respeito da pesquisa realizada e as últimas reflexões sobre os dados analisados.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para uma melhor compreensão do processo de leitura em turmas de alfabetização, trazendo para o leitor informações e reflexões sobre o ensino e a aprendizagem da leitura.

2. A ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

2.1 A escola e as concepções de alfabetização

Consideramos de suma importância iniciar a abordagem do tema, partindo do conceito sobre os métodos de alfabetização, uma vez que o desenvolvimento do ensino está pautado na concepção de alfabetização que se tem.

Até meados de 1980, a discussão acerca das práticas de alfabetização estava relacionada aos métodos considerados mais eficazes para ensinar a ler e a escrever, que envolviam os métodos sintéticos e analíticos, ambos se baseavam na codificação e decodificação de símbolos.

Sobre o método sintético, Mortatti (2000, p. 5) assinala que:

Para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da "parte" para o "todo"): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas.

Conforme descrito pela autora acima, este método divide-se em três fases: silábico, fônico e alfabético. No alfabético, o estudante aprende inicialmente as letras, depois forma as sílabas juntando as consoantes com as vogais, para, depois, formar as palavras que constroem o texto. No fônico o aluno parte do som das letras, unindo o som da consoante com o som da vogal, pronunciando a sílaba formada. Já no silábico, ou silabação, o estudante aprende primeiro as sílabas para formar as palavras.

Neste método (sintético) toma-se como ponto de partida um grau de dificuldade menor (as letras, as sílabas) para poder se chegar a um mais complexo (a palavra, a frase), partindo assim das partes para o todo. Dessa forma, a criança participante desse método de alfabetização primeiro domina o alfabeto, depois as sílabas, as palavras, frases até chegar aos textos. Este método foca seu ensino na decodificação, no qual se lê letra por letra, ou

sílaba por sílaba, e palavra por palavra.

Para o método analítico “o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo”, para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas” (MORTATTI, 2000, p. 5). Nesse método o ensino parte do ‘todo’ para as ‘partes’, isto é, a criança parte das frases para extrair as palavras e depois dividi-las em sílabas.

Segundo Mortatti (2000, p. 49)

[...] em várias tematizações e concretizações das décadas seguintes, passaram-se a utilizar: métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético ou vice-versa), considerados mais rápidos e eficientes. A disputa entre os defensores dos métodos sintéticos e os defensores dos métodos analíticos não cessaram.

Enquanto os defensores dos dois métodos defendiam sua eficácia para o ensino da leitura e escrita, os críticos destes métodos diziam que, com eles, as crianças não aprendiam a ler, apenas decorava, pois ambos se baseavam em uma concepção de leitura e escrita voltadas para codificação e decodificação.

Vale lembrar que neste método tradicional a cartilha muitas vezes era o único material de trabalho, os textos para leitura eram curtos com frases simples e descontextualizadas da realidade do educando e, buscavam o uso das sílabas já estudadas, além de se descartar a possibilidade da leitura antes mesmo de saber ler, isto é, de decifrar os signos.

Yunes (1985, p. 21) declara que:

O hábito de leitura se inicia antes que a criança aprenda ler. Neste paradoxo se registra a decisiva influência de contar/ouvir história, para uma relação satisfatória com universo da ficção como complemento da redução da realidade que as práticas sociais impõem.

Infelizmente, na concepção de muitos professores continuam impregnados os métodos sintéticos e analíticos, nos quais ensinar a ler está voltado ao processo de pura decodificação de signos, e isso tem gerado um equívoco com sérias consequências. Uma delas é o fato de desconsiderar que se desenvolve o hábito da leitura antes mesmo que se aprenda a ler – decifrar os signos – outra questão é a de que se passa a ver o aluno como um ser passivo.

A primeira gera um ambiente escolar distante das práticas de leitura e do manuseio dos instrumentos que possibilitem esse ato.

Sobre a segunda, Freire (1997, p. 28) afirma que “[...] o homem deve ser o sujeito da sua própria educação. Não pode ser o objeto dela”. Assim sendo, faz-se necessária a compreensão de que o aluno, como sujeito da sua educação, não pode ser passivo, mas atuante, participativo, crítico, alguém que interage, e, essa interação, constrói e reconstrói conhecimentos.

No entanto, tudo depende do tipo de concepção de ensino que o educador possui. Nesse contexto é fundamental que o educador compreenda que a alfabetização vai além do simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler, entretanto, está atrelada ao fato de entender o que se lê e escreve.

Sobre isso, Galvão e Leal (2005, p. 14-15) defendem:

Para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa participar de situações que o desafiem, que coloquem a necessidade da reflexão sobre a língua, que o leve enfim a transformar informações em conhecimento próprio.

Nesse contexto, a alfabetização é um processo de construção de hipóteses, sobre o funcionamento do sistema alfabético de escrita e não uma mera tradução da linguagem oral para o escrito, de forma codificada, sem espaço para refletir sobre a função da leitura e da escrita.

Foi pensando-se numa concepção de alfabetização diferenciada, a qual propiciava a reflexão acerca da escrita e uma leitura baseada na compreensão e não apenas na decodificação que surgiram os trabalhos sobre a *Psicogênese da Língua Escrita* de Emília Ferreiro e Teberosky (SOARES, 2003), mais precisamente a partir da década de 1980. Nasce, então, um novo discurso, contrário aos métodos tradicionais de alfabetização e com ele surge um novo conceito - “Alfabetização e letramento”.

A partir desse período passou-se a conceber o processo de alfabetização de forma diferenciada, pois muitas foram as críticas aos métodos analíticos e sintéticos, uma vez que estes eram voltados para atividades de prontidão, as quais não permitiam refletir sobre a escrita, bem como só era possível ler se a criança já decodificasse os símbolos.

Como afirma Soares (2003, p.16), “a alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ser diluída no processo de letramento”.

Este conceito (letramento) está em evidência no cenário atual da educação e pode ser entendido como “o processo de apropriação da cultura escrita fazendo um uso real da leitura e da escrita como práticas sociais” (SOARES, 2003, p. 24).

Diante desse quadro, compreende-se que além de se preocupar com a aquisição do sistema da leitura, a escola deve proporcionar atividades que visem ao letramento: ler jornais, revistas e livros, dentre outras que fazem parte do cotidiano da sociedade, pois a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e escrita.

O equívoco sobre o entendimento do ato de alfabetizar como uma mera decodificação de signos tem feito com que a nossa sociedade esteja repleta de analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que têm escolaridade, contudo não conseguem extrair significados de um texto nem colocar as ideias no papel através do sistema de escrita.

Sobre isso os PCN's (2007, p. 55) nos alerta:

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. [...].

Em suma, faz-se necessário compreender que o modelo de alfabetização utilizado influi claramente no tipo de leitor que a escola está formando. O ato de alfabetizar deve fornecer aos discentes uma aprendizagem na leitura e escrita de forma significativa nas suas relações cotidianas.

2.2. A criança e o hábito da leitura

No cenário atual da educação, ainda, são inúmeros os casos de crianças com dificuldades de aprendizagem em todos os anos das séries iniciais do Ensino Fundamental I. Os educandos, muitas vezes, não se sentem apoiados na condição de dificuldade que apresenta na aprendizagem pela própria unidade de ensino, que nem sempre oferece condições de subsídio para sanar a dificuldade apresentada pelo discente, isto faz com que o mesmo se sinta inseguro e incapaz de superar as fragmentações apresentadas por ele.

Para Sanchez (2004, p. 54),

as dificuldades de aprendizagem desempenham um papel na manutenção do status, no qual a distribuição desigual de bens sociais aparecem como “natural”, resultantes de uma meritocracia igualitária. Trata-se de fortalecer o papel dos alunos com dificuldades de aprendizagem para que

eles possam confrontar-se de forma ativa com as desigualdades procedentes da escolarização e da sociedade, que se concretiza na ideia de que as escolas são de e para os que triunfam nelas.

A unidade escolar deve, portanto, intervir nas dificuldades de aprendizagem dos alunos de forma que estes venham a ter sucesso tanto na instância escolar, quanto na vida. Portanto, é função dela incentivar a aprendizagem motivando o discente, mostrando que este é capaz, implantando projetos de leitura que facilitem a aprendizagem do educando, ajudando-os a desenvolver a leitura e superar as dificuldades.

Nas últimas décadas, questões relativas à leitura vêm sendo muito discutidas, pois o ato de ler acontece em todos os lugares e se propaga nas placas, nos letreiros, nas ruas etc. Inúmeras mensagens escritas são propagadas nas mais diversas formas, através de panfletos, placas, outdoors, enfim, nos meios de comunicação via escrita ao alcance de todos.

Dessa forma, é necessário refletir sobre o papel da escola na formação do leitor, pois cabe a ela o desenvolvimento dessa atividade.

Sobre esta questão, Lajolo (2004, p. 107) afirma que:

Se algumas metodologias e estratégias propostas para o desenvolvimento da leitura parecem enganosas por trilharem caminhos equivocados, o engano instaurou-se no começo do caminho, a partir do diagnóstico do declínio ou da inexistência do hábito de leitura entre os jovens.

A autora deixa clara a responsabilidade da escola, no desenvolvimento dessa tarefa, desde os primeiros anos das crianças no ambiente escolar e, o professor é o grande responsável pela busca de estratégias de leitura que melhor atendam aos alunos no processo de formação de leitores. Contudo, faz-se necessário esclarecer que, na instituição de ensino, além das técnicas didáticas dos professores com práticas de leitura, é importante ressaltar que a família também tem papel relevante nesse processo de formação de um bom leitor. Sobre isto assinala Cavalcanti (2002, p.2): “formar leitores é compromisso da família e da escola. Também deve fazer parte dos interesses de toda a comunidade [...]”.

Percebe-se, portanto, que o desenvolvimento dessa prática não se restringe apenas à escola, mas também à família, uma vez que a criança que cresce em um ambiente onde a leitura é incentivada tem mais possibilidade de se interessar por essa atividade. Embora muitos pais não se deem conta da importância de sua participação no desenvolvimento da leitura, pois, pela falta de conhecimento, pensam que a tarefa de incentivo a essa atividade

seja exclusiva da escola, alguns autores defendem a ideia de que os pais são os primeiros incentivadores da leitura.

Assim, os adultos que participam da vida da criança têm papel fundamental no aprendizado da leitura e escrita. Por isso é importante que sejam modelos de leitura, que leiam frequentemente para a criança e que introduzam a leitura em sua vida o mais cedo possível. Afinal, ler é um hábito a ser desenvolvido e, como todo o hábito, só se instala se for realizado muitas vezes.

Diante desse quadro, compreende-se que a família também tem papel fundamental no desenvolvimento do hábito da leitura, todavia, por inúmeros motivos, muitos pais se isentam dessa tarefa deixando sua efetivação a cargo da escola. Esta, por sua vez, negligencia no ato dessa tarefa, na qual fica com total responsabilidade em realizar tal trabalho, proporcionando um ambiente favorável à leitura. Assim, quando os pais se omitem desse ato, o compromisso da entidade escolar se torna ainda maior.

Nessa perspectiva, é fundamental que se estabeleçam objetivos às práticas de leitura em todos os níveis escolares, cujo professor, como mediador, deve propiciar atividades práticas que se fundamentem nessa lógica, criando diferentes momentos de leituras, alicerçadas em estratégias capazes de promover diferentes graus de letramento.

Finalizamos este capítulo, ressaltando que ao afirmar que a escola precisa assegurar esse direito, referente às diversas práticas de leitura a ‘todos’ os estudantes, esclarecemos, também, que essa deve ser uma preocupação de todos os envolvidos no processo educacional – família, escola – em realmente garantir o direito ao acesso a acervos textuais diversos aos estudantes. Esse direito se acentua, principalmente, para aqueles provindos de família cuja prática de leitura e escrita lhe foi negada, uma vez que, ao negar esse direito ao educando a escola está contribuindo com o crescimento das diferenças sociais já existentes. Mas, a partir do momento que asseguramos esse direito às crianças, buscamos diminuir essas diferenças.

3 FATORES QUE INFLUENCIAM NA APRENDIZAGEM DA LEITURA

3.1 O educador e a prática da leitura

Vimos anteriormente que o desenvolvimento do ensino aprendizagem, no processo da alfabetização, está atrelado ao modo como se concebe o mesmo. Diante disso acreditamos que é preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em som, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. “Por conta dessa concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de leitores capazes de decodificar qualquer texto, mas com enorme dificuldade para compreender o que tenta ler”. (PCN’s, 2007, p. 55).

Ler é interação entre texto e leitor. É a descoberta de um mundo novo, a oportunidade de crescimento sócio cultural, é o meio de integrar o indivíduo na sociedade que o cerca.

Assim sendo, o trabalho pedagógico deve ser direcionado para a garantia desse princípio, pois enquanto mediador, entre o aluno e o objeto de conhecimento, é fundamental o professor “realizar uma leitura significativa da realidade e convidar a criança para a riqueza do mundo simbólico de maneira instigante, lúdica e prazerosa, e não perdendo de vista que o gosto pela leitura se dá pelo viés do afeto.” (CAVALCANTI, 2002).

Para Vygotsky (2000), só é possível entender o pensamento humano quando se compreende a base afetiva. Assim, acredita-se que pensamento e afeto são indissociáveis.

Vygotsky (2000, p.146) esclarece que:

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial.

Para o autor, o professor não deve priorizar os outros aspectos em detrimento do aspecto emocional. Vygotsky (2003, p.121), ainda, assinala que:

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente.

Observa-se, portanto, que a afetividade é um elemento que está sempre presente nas experiências empíricas vividas pelos seres humanos e, na escola não é diferente, principalmente na relação professor-aluno.

Nesse contexto, torna-se bastante compreensivo afirmar que um professor afetivo com seus alunos, favorece o estabelecimento de uma relação confiável, segura e evita bloqueios afetivos e cognitivos. Isso propicia um trabalho baseado na socialização, o qual ajudará o aluno a superar erros e a aprender com eles.

Ao incluir a afetividade no trabalho pedagógico, o professor contribui para a formação de indivíduos com condições para lidar com seus sentimentos, colaborando para um mundo mais afetivo.

Portanto, a postura do professor frente ao processo de desenvolvimento do ensino da leitura é fundamental e decisivo, e dela depende o desenvolvimento dos discentes, pois o mesmo precisa primeiro realizar o trabalho pedagógico de maneira a possibilitar um relacionamento afetivo; segundo deve ter uma concepção diferenciada sobre alfabetizar, desprendendo-se do ato tradicional, o qual visa simplesmente à codificação e decodificação e, finalmente, precisa priorizar o trabalho de forma que alfabetize na perspectiva do letramento.

Para Soares (2004, p. 109), as condições para o letramento são “uma escolarização real e efetiva da população e a disponibilidade de material diversificado de leitura”.

Dessa forma, a aprendizagem natural da leitura deve ser considerada pelo professor e incorporada as suas estratégias de ensino, com o fim de melhorar a qualidade desse processo contínuo, iniciado no momento em que a criança é capaz de captar e atribuir significado às coisas do mundo. Assim, a ação de ler o mundo em que a criança enfrenta depende do que se oferece a ela, como variados textos e situações desafiadoras.

Portanto, o professor deve ser um parceiro na aprendizagem de seus alunos. Assim sendo, é fundamental que o docente crie um ambiente que facilite situações de diálogo e participação no qual seja possível que os alunos se sintam seguros.

Os PCN's (1997, p. 53) enumeram uma série de condições essenciais para desenvolver uma prática de leitura eficiente. Tais condições são: dispor de uma boa biblioteca na escola; dispor de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura; organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia; planejar as atividades diárias garantindo que as leituras tenham a mesma importância que as demais; possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras; garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura, com perguntas sobre o que estão achando; possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola; incentivar a leitura diária; usar textos diversificados.

Transformar o aluno em um leitor competente é uma tarefa do professor e, isso, só será possível mediante uma prática constante de leituras de textos, contação de histórias, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textual que permeia nossa sociedade.

No ambiente escolar, o educador é o modelo de referência nos comportamentos e estratégias adotados, assim as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar esclarece que:

O modo como o educador lê para as crianças e utiliza os diferentes tipos de texto constituem exemplos de como e para que serve ler. Na leitura de uma história, o educador pode partilhar com as crianças as suas estratégias de leitura. (1997, p. 70).

Diante desse contexto, observa-se, portanto, que o docente é peça chave no desenvolvimento do ato de ler. Contudo, algumas competências precisam ser desenvolvidas. Sobre isso Mata (2008) esclarece que no processo de apropriação da leitura estão implícitas duas competências a desenvolver, uma relacionada com a interação da criança com o texto escrito, de uma forma geral, e outra mais direcionada para a leitura de histórias e outros textos.

Ainda referente às competências relacionadas ao desenvolvimento da leitura Mata (2008, p. 83) ressalta que é importante “ouvir atentamente e com prazer histórias, rimas, poesias e outros textos, extraindo as suas ideias principais, fazendo comentários e/ou levantando questões em relação ao que ouviu”.

Nesta competência integram-se três vertentes: o desenvolvimento de atitudes positivas e prazer face à leitura, à compreensão do que é lido, procedendo à seleção da informação mais pertinente e a apreensão da informação selecionada, que permite refletir e

estabelecer relações com outras informações e vivências anteriores.

No desenvolvimento do ato da leitura se faz necessário, ao educador, considerar também o que assegura Ferreiro e Teberosky (1991, p.26): “as crianças antes da sua entrada para a escola já tem construções mentais sobre a leitura e a escrita e não se limitam a receber passivamente os conhecimentos”.

Para as autoras, a criança quando chega à escola já é um bom leitor do mundo. Pois desde muito pequena começa a observar, a antecipar, a interpretar e a interagir, dando significado aos seres, objetos e situações que a rodeiam. Ela utiliza estas mesmas estratégias de busca de sentido para compreender o mundo letrado.

Nesse contexto, é compreensivo afirmar a necessidade de superar o conceito de que para desenvolver a capacidade da leitura depende apenas de saber juntar as letras, pois esse ato está relacionado à capacidade de conhecer as particularidades de cada linguagem textual que circula na nossa sociedade.

3.2. Fatores que Influenciam na Aprendizagem da Leitura

São diversos os fatores que dificultam a aprendizagem das crianças no contexto escolar, porque o próprio sistema não dá oportunidade de apropriar a construção do saber do aluno, descobrindo suas ideias que às vezes estão no anonimato.

No ambiente escolar nos deparamos com crianças que vêm do contexto familiar desestruturadas, apresentando dificuldades no aprendizado, alunos que apresentam alguma patologia e que precisa de acompanhamento com profissionais como psicólogos, fonoaudiólogo, psicopedagogo, enfim, apresentam diversas dificuldades, as quais os educadores sozinhos não podem sanar.

Considerando todos esses fatores, esclarecemos que não os abordaremos aqui, mas se faz necessário compreender que o educador precisa ser cauteloso, chegar bem próximo dos educandos e ter um olhar individual para cada um, além de estratégias capazes de levar o aluno ao ato da aprendizagem, buscando diversificar as atividades de forma que tente sanar ou diminuir, de forma significativa, as dificuldades apresentadas por cada um, visando o sucesso escolar.

As dificuldades de leitura, as quais serão tratadas aqui, são de cunho pedagógico. São aquelas que consideramos ser uma das principais causadoras de um alto índice tanto de

reprovação, quanto de analfabetos funcionais e que tem levado a escola a se considerar fracassada dentro desse aspecto.

Tais dificuldades referem-se à concepção de alfabetização e as estratégias utilizadas para desenvolver o ato de ler.

Sobre isso os PCN's (1997, p. 19) esclarecem:

No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais – inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres – estão ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever.

Diante do exposto percebe-se que essas dificuldades, relacionadas à leitura e escrita, principalmente nas séries iniciais, têm perdurado nas escolas brasileiras desde décadas, continuando muito presente até o momento, apontando para a necessidade urgente de reestruturação do ensino de Língua Portuguesa e, mais especificamente, no que se refere à leitura e à escrita.

Não há dúvida de que o ensino da leitura parece ser uma das tarefas mais difíceis de ser realizada pela escola, pois se torna algo novo para o alunado e isso tem gerado um grande índice de reprovação. Contudo, Smith (1999 p. 13) ressalta que:

Aprender a ler, portanto, não envolve nenhuma atividade que as crianças ou os jovens e adultos já não tenham exercitado, para entender a linguagem falada em casa ou para encontrar sentido no mundo visual que as cerca. Na verdade aprender a ler deveria ser algo muito mais simples dada à complexidade das aquisições visuais e das linguagens anteriores.

Partindo do pensamento do autor, percebe-se que quando crianças e jovens chegam à escola já possuem habilidades para o desenvolvimento da leitura, não se fazendo necessário nenhuma habilidade especial para tal. No entanto, essa tem sido uma das grandes dificuldades enfrentadas pela instituição escolar e, o grande problema, referente ao ensino da leitura, continua necessitando melhoras em curto prazo.

Como se não bastasse a dificuldade enfrentada no ato de ensinar a ler e escrever, que tem permeado a educação brasileira, ainda há dois problemas a serem discutidos e considerados no processo de desenvolvimento da leitura e escrita. Um deles é a problemática da concepção de alfabetizar impregnada na mente de alguns professores que a entende como apenas decodificação.

Reportando-nos ao Referencial curricular nacional para a educação infantil (1998, p. 55) encontramos que:

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades usando os procedimentos que os bons leitores utilizam.

Diante desse quadro, há de se concordar que ler é muito mais do que conseguir juntar letras. Ler envolve uma atividade voluntária e prazerosa, necessitando de motivação. É necessário também considerar que o pequeno aprendiz precisa ter acesso as mais diversas formas de ler e escrever, aos diversos textos, já que muitos não convivem em um ambiente onde presenciam muita leitura e escrita, são mais carentes dessas tipologias textuais variadas.

Para os PCN's (1997, p. 55), tudo depende do que se pretende com a leitura. Assim, se

O objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam é preciso organizar o trabalho educativo para que se experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores.

Há que se considerar, então, que as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita e a forma como se organiza o trabalho dessas atividades faz com que se evidenciem o fracasso escolar e, essas dificuldades, que se iniciam desde as séries (anos) iniciais, acompanham a vida de milhares de alunos em sua trajetória estudantil, chegando muitas vezes à universidade.

Comprovando o que acabamos de afirmar, os PCN's (1997, p. 19) reforçam que:

[...] a dificuldade dos alunos universitários em compreender os textos propostos para leitura e organizar ideias por escrito de forma legível levou universidades a trocar os testes de múltipla escolha dos exames vestibulares por questões dissertativas e a não só aumentar o peso da prova de redação na nota final como também a dar-lhe um tratamento praticamente eliminatório.

Essa dificuldade, em interpretar e redigir textos, que tem acompanhado milhares de alunos espalhados por todo o Brasil, advém exatamente de um processo falho de alfabetização, isto é, da própria concepção que se tem de leitura e a forma como esta é

vivenciada na escola, pois um processo falho de leitura, nas séries/anos iniciais, reflete em toda trajetória escolar dos discentes: leva o estudante a chegar ao ensino médio, e porque não dizer ao superior, com sequelas traduzidas por um baixo nível de letramento.

Portanto, faz-se necessário uma compreensão diferenciada do que é realmente ‘ler’, ampliando o conceito para além da decodificação, ou seja, a compreensão daquilo que se lê.

Mediante a realidade desse contexto, cabe afirmar que a reflexão acerca dos modelos pedagógicos que norteiam as práticas pedagógicas de sala de aula há muito vem apontado para a necessidade de mudanças que possibilitem uma atuação mais condizente com a visão de sujeito pensante e ativo e isso implica numa reestruturação teórico/prático do saber e do fazer do professor.

Nessa reestruturação do saber/fazer pedagógico deve-se contemplar a reflexão sobre a formação de um indivíduo letrado, a qual só acontecerá se ambientes favoráveis à aquisição de leituras estiverem ao seu alcance. Dessa forma, se a escola não estiver atendendo a essa proposta, caberá à mesma a criação e ampliação de seu espaço físico e dos subsídios que auxiliam tais práticas.

Na proposta pedagógica referente às práticas diárias de leitura, em sala de aula, o professor deve deixar claro os procedimentos que se requer do leitor, uma vez que cada leitura requer um objetivo. Isto é, ler para quê? Ler para se divertir, ler para escrever, ler para estudar, ler para descobrir o que deve ser feito, ler para revisar.

Em suma, quando pensamos no ensino da leitura somos convidados a refletir sobre algumas questões como: alunos que trazem consigo uma história de pouco acesso a essa atividade, fazendo com que a responsabilidade do educador cresça, uma vez que esses discentes não foram incentivados desde a infância, cabendo ao educador a responsabilidade de provocar momentos de reflexão, propondo práticas de leitura diferenciadas para incentivar o gosto pelo hábito de ler, pois “pensar sobre o sujeito leitor implica, necessariamente, refletir sobre as condições de inserção da criança no mundo da leitura “. (CARNEIRO, p. 617, 2002).

Portanto, se compreendermos que um leitor só se forma através de uma prática constante de leitura, organizada em torno da diversidade de gêneros textuais que circulam na sociedade, logo perceberemos que um leitor não é apenas um mero decodificador, mas alguém que assume um papel atuante na busca de significados.

Portanto, utilizamos deste trabalho para convidarmos os professores a refletir sobre o seu papel em possibilitar aos estudantes o contato com diferentes textos, em atividades

de leitura e escrita realizadas dentro e fora da escola, bem como sobre a concepção de alfabetização que permeia sua prática pedagógica, pois consideramos relevante a distinção entre alfabetização e letramento para um ensino/aprendizagem de leitura e escrita com mais sucesso.

Vale ressaltar, também, que não se pode esquecer que as crianças que vivem em um ambiente rico em experiências de leitura e escrita, não só se motivam para ler e escrever, mas começam, desde cedo, a refletir sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Delineamento da pesquisa

A opção adotada nesta pesquisa de campo baseia-se nos preceitos de pesquisa descritiva, explicativa e exploratória, desenvolvidas em três etapas. A etapa inicial deu-se a partir de pesquisas bibliográficas. A segunda etapa ocorreu através das observações na Escola Campo de Estágio e a terceira baseou-se na pesquisa de campo, realizada a partir de dois questionários composto por cinco (05) perguntas, cada um, referentes ao processo de leitura. O desenvolvimento das etapas visa facilitar uma melhor compreensão sobre o tema em foco, objetivando analisar a situação do ensino aprendizagem em relação à leitura no período de alfabetização.

Para Selltriz et al. (1967) a pesquisa exploratória objetiva proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Esse tipo de pesquisa contribui para se obter uma visão mais clara acerca do objeto pesquisado. Já a pesquisa descritiva, segundo Trivinos (2008) os pesquisadores observam, registram, analisam, classificam e interpretam os fatos, sem, contudo realizar qualquer interferência.

Referente à pesquisa qualitativa, Richardson (2007) declara que esta é uma tentativa de compreender as características situacionais e particulares de um determinado fenômeno de estudo. O autor ainda diz que o método quantitativo caracteriza-se pela utilização de recursos estáticos e bases matemáticas para “cercar” o fenômeno, e a caráter de suas verdades mesuráveis. Essa abordagem tanto se aplica no momento de estruturação do instrumento de coleta de dados (questionário), quanto na fase da tabulação, descrição e análise dos resultados. O intuito maior desse método, portanto, é garantir a apreciação dos resultados, evitando distorções no processo de buscar as verdades sobre o fenômeno, permitindo uma margem de segurança em relação às informações.

4.2 Cenário

A instituição escolar citada na pesquisa de campo é da rede municipal da Escada PE. A mesma possui prédio próprio, estrutura física razoável, com área de lazer ampla e arejada onde são desenvolvidas algumas atividades comemorativas e realizações de

projetos, principalmente os de danças. A presente escola foi fundada em 1983. Possui 600 alunos divididos em dois turnos, manhã e tarde, sendo duas modalidades de ensino oferecido - educação infantil e ensino fundamental I. A escola conta com um quadro de 36 funcionários sendo 20 educadores, 01 gestor, 01 gestor adjunto. O corpo pedagógico tem 02 coordenadores pedagógicos para dar suporte aos dois turnos e 02 supervisores. Na parte da limpeza e merendeiras 08 profissionais, distribuídos entre o período manhã e tarde, 02 vigilantes. Quanto a equipamentos de uso didático e pedagógico a escola possui 02 mimeógrafos, 01 copiadora, 02 TVs, 03 microsister, 03 DVDs, 01 computador e 01 notebook.

Na referida escola existem 10 salas de aulas, com espaços físicos razoavelmente adequados, com iluminação e ventilação razoável. Possui 01 sala de professor onde é feita as reuniões pedagógicas, 01 secretaria, 03 banheiros, 01 cozinha e 01 terraço sendo este utilizado como espaço de recepção geral.

A unidade de ensino possui o projeto político pedagógico o qual foi construído com cunho democrático com a participação de todo corpo docente e o gestor através de reunião nas diferentes modalidades com direcionamento reflexivo no que diz respeito à metodologia de ensino, as diversas situações de avaliação, o fazer pedagógico, olhar para os alunos com as diferentes deficiências, contemplando a filosofia de fazê-los participantes de modo que se sintam felizes e capazes de construir seus saberes dentro de suas diferentes dificuldades.

4.3 Sujeitos

Os sujeitos de pesquisa foram compostos por 01 gestora da escola graduada em Licenciatura em Pedagogia, 08 professores todos graduados em Pedagogia, residentes no município de Escada PE. Dos 08 pesquisados: 06 lecionam em turmas do 2º ano e 02 nas turmas de 3º ano. Também participaram da pesquisa 32 alunos da escola selecionada, todos moradores do bairro onde está localizada a escola na cidade de Escada/PE.

4.4 Instrumentos

Para realização da coleta de informações, na pesquisa de campo foram aplicados dois questionários. Um contendo cinco (05) perguntas fechadas para os educadores e o outro, também composto por cinco (05) perguntas fechadas para os educandos. As questões que compõem o questionário referem-se à leitura, temática em foco.

4.5 Procedimentos

Os dados foram coletados no mês de maio do decorrente ano, numa Escola Municipal citada no projeto de pesquisa.

Inicialmente, foi esclarecido para os participantes o objetivo da realização da pesquisa e sua importância em participar da mesma, com apresentação do termo de consentimento livre e esclarecido (localizado nos apêndices), o qual foi aceito por todos sem rejeições. Combinamos também o melhor dia e horário para a realização do questionário.

O questionário contendo 05 questões foi aplicado aos 08 professores no dia 13 de maio do corrente ano, na sala dos professores e o questionário com os alunos foi aplicado em dois turnos no dia 14, manhã e tarde, sendo 16 pela manhã e 16 pela tarde, sendo esses educandos do 2º ano e 3º ano do ensino fundamental. Durante a aplicação do questionário, contendo cinco (05) questões fechadas, os alunos estavam muito ansiosos e um pouco barulhentos, mas mesmo assim todos conseguiram responder sem nenhum problema.

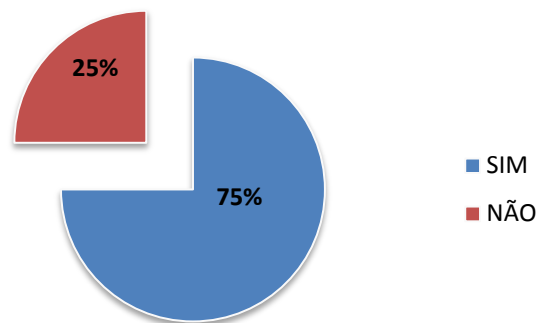
5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

5.1 Percentuais dos dados de pesquisa (Professores)

1- O professor é um leitor-modelo quando apenas mandam seus alunos lerem todas as aulas?

Sim ()

Não ()



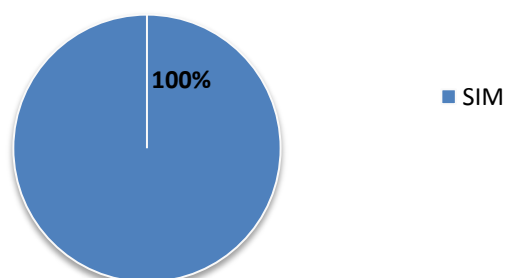
Dos professores questionados, oito responderam sim, porque já são conscientes de que o educador é um modelo para todos os seus educandos e suas ações valem mais de que suas palavras, e dois dos professores participantes responderam não, porque ainda não entenderam sua verdadeira missão. Segundo Paulo Freire (2002, p. 102), ensinar é uma especificidade humana.

Para Freire é importante o docente mostrar segurança, competência profissional, generosidade, comprometimento, ser capaz de saber escutar e dialogar, de reconhecer que a educação é ideológica e de querer bem aos educandos.

2- Desde cedo o aluno da alfabetização deve manusear textos, mesmo sem saber ler?

Sim ()

Não ()

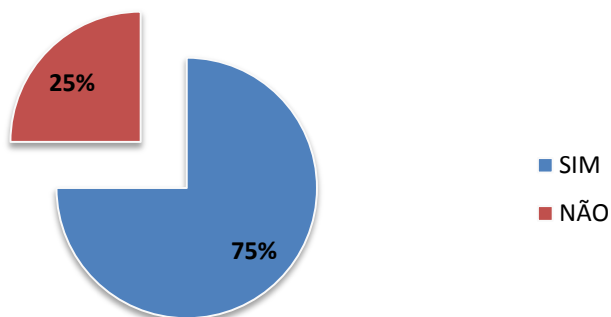


Todos os professores pesquisados responderam sim. De acordo com Vygotsky (2000) isto depende do meio em que a criança está, se ela tem livros, jornais, revistas, vê a família lendo e ela também tem oportunidade de manusear estes textos, com certeza ela irá desenvolver melhor sua aprendizagem.

3- Será que a escola está dando espaço para a criatividade do aluno?

Sim ()

Não ()

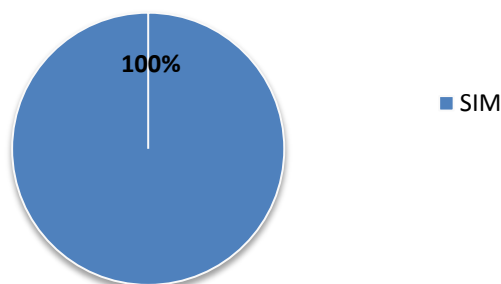


Das seis educadoras que responderam sim, disseram que nem toda escola tem o privilégio de ter uma biblioteca, e isto dificulta a criatividade do aluno, pois ao não se manusear livros, revistas, jornais, etc., não estariam exercitando a prática de leitura. Dois dos professores responderam não, porque têm consciência de que a escola pública realmente não oferece subsídios para que o educando crie.

4- Por não se investir na competência dos alunos, muitos saem da escola como analfabetos funcionais?

Sim ()

Não ()



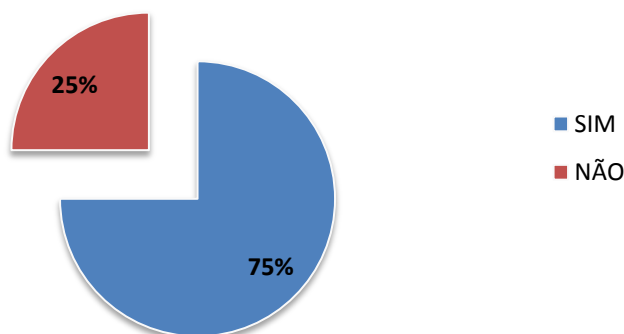
Todos os professores pesquisados responderam sim. Esta questão de se investir significa ter acesso à biblioteca, trabalhar com projetos de leitura, visando uma competência leitora mais significativa no desenvolvimento da alfabetização, a fim de

promover um resultado mais produtivo na formação de leitores que, de fato, compreendem o que leem.

5- Alfabetização é a capacidade de interpretar os sistemas gráficos associando-os as práticas sociais?

Sim ()

Não ()



Diante dos seis educadores que responderam a pesquisa, 75% afirmaram que sim, porque já possuem uma visão pedagógica ampla e sabem que alfabetizar não se limita apenas em decorar letras e padrões silábicos, e que alfabetizar é um processo que vai muito mais além da sala de aula, e dois responderam não, porque ainda não compreenderam o significado da palavra alfabetizar, e se limita dentro de uma forma tradicional, visando uma forma não construtivista que não deixam os educandos colocar para fora suas habilidades na prática da leitura associando melhores condições no ato de ler.

Desta análise constatou-se que os professores questionados se utilizam das variedades textuais, para que seus educandos venham a desenvolver-se como leitores, buscando de todas as formas possíveis introduzirem-nos em um mundo letrado. Por outro lado, alguns professores ainda se atêm ao livro didático como instrumento para criar o hábito da leitura, que ainda é vista, meramente como a decodificação de frases e textos.

Baseado em todo exposto teórico, e também, no questionário que foi realizado na escola, campo de pesquisa com professores e educandos, concluímos que são muitas as causas que levam as crianças a apresentarem dificuldades no desenvolvimento da leitura, bem como são vários os procedimentos que devem ser tomados para superar esses problemas.

O ato de ler dentro do espaço escolar está ancorado nas crenças, valores e concepções docentes que são construídas no contexto social, segundo cada história de vida. Assim, conforme os PCN's (1997) alertam é fundamental refletir que, algumas dificuldades destas, podem relacionar-se com as práticas docentes permeadas por conceitos

pobres referentes a leitura, bem como o ambiente escola que muitas vezes não oferece atrativos para a leitura na escola.

Diante da concepção prática do docente, condição de trabalho e estrutura da escola foi gratificante e construtiva a experiência adquirida. Mas em relação a estrutura da unidade é estável, não é adequada e as salas são muito quente e o espaço físico não é legal e não dá uma condição de trabalho com êxito.

Porém as práticas dos professores são muito divididas, existem aqueles profissionais que domina o que faz, trabalha inserido no construtivismo na sala de aula, mas ainda existem professores que não se encontraram na sua prática e se detém no ensino tradicional, não aceita socialização de novos conceitos, visando melhoria de aprendizagem do educando. Pois nós educadores temos que a cada dia estarmos inserido numa perspectiva de estudo porque a cada dia aprendemos e ensinamos, cada leitura de mundo é uma descoberta e nunca devemos deixar de pesquisar e se englobasse no mundo da tecnologia.

Mas o que percebemos é que ainda na determinada escola existe professores que não gostam de pesquisar, ou seja, ler, não é todos, mas uma pequena parte e isto implicam dentro do contexto escolar. Somos feito uma pedra de dominó só temos sucesso se todos contribuírem para uma visão de aprendizagem construtiva.

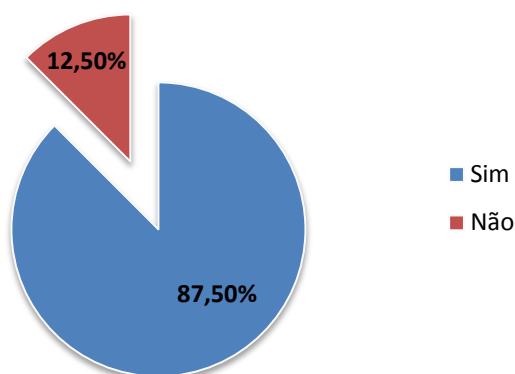
Este relato serviu muito na minha vida profissional e percebi que para sermos professores precisamos sempre fazer uma auto-crítica, uma alta avaliação do seu desempenho como educador.

5.2 Percentuais dos dados de pesquisa (Alunos)

Da realização dos questionários com os educandos, apresentaremos alguns dados encontrados em relação à preferência, prática e contato com a leitura que esses alunos mantêm. Nesta amostra confrontaremos a realidade entre professores educandos com meio de verificação da problemática que traz esta pesquisa.

1- Você gosta de ler?

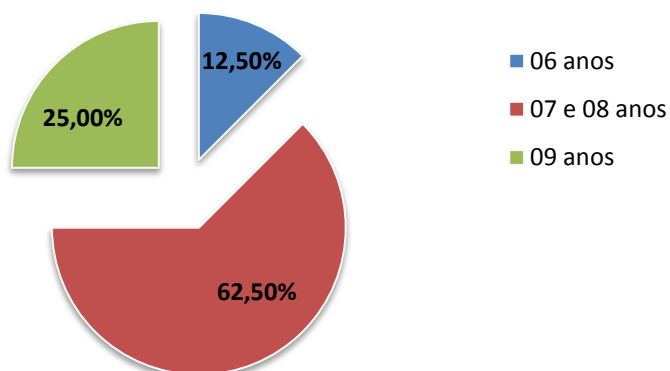
() Sim () Não



Dos 32 educandos questionados acerca do gosto pela leitura, tivemos 87,50% de afirmação positivas e 12,50% negativas.

2- Com que idade você começou a ler?

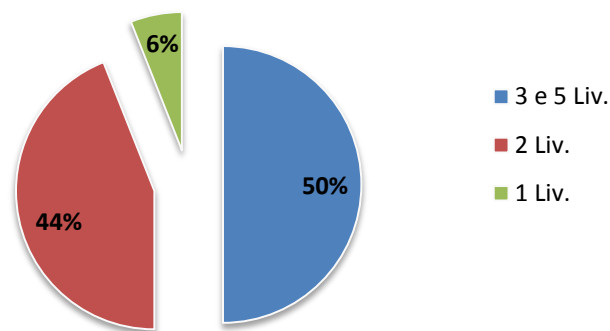
() 6 anos () 7 anos () 8 anos () 9 anos () 10anos () 11 anos



Dos 32 sujeitos participantes 12,50% responderam que esse processo da leitura teve início aos 06 anos, 62,50% responderam que iniciaram a leitura 07 e 08 anos, 25% responderam que aos 09 anos

3- Marque quantos livros você já leu?

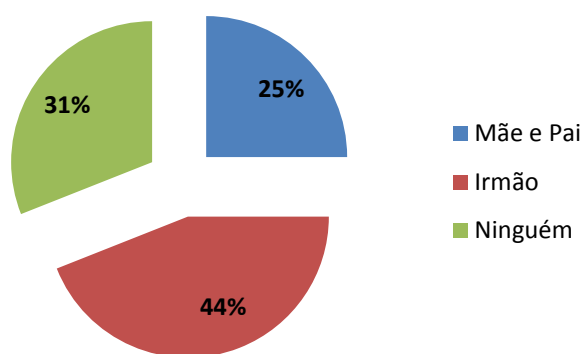
() + de 10 livros () 2 livros
() 10 livros () 1 livro
() 5 livros () nenhum
() 3 livros



Perguntamos a 32 educandos quantos livros eles já leram; 44% responderam 02 livros, 50% responderam de 3 a 5 livros e 6% responderam 1 livro.

4- Em sua casa quem costuma ler sempre?

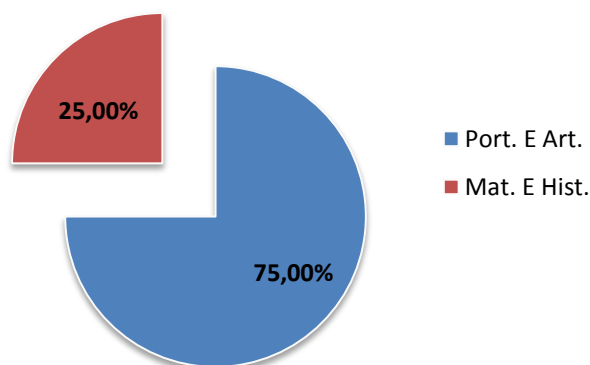
() mãe () pai () avó () avô () irmão () tia () ninguém.



Constatamos entre os 32 alunos que os estímulos de leitura recebida vêm do irmão com 44%, Mãe e Pai 25% e Ninguém 31%.

5- Qual matéria você mais gosta?

- () Português
- () Matemática
- () História
- () Geografia
- () Arte
- () Ciência



Sobre as suas preferências em relação nas matérias estudadas na escola dos questionados 75% preferem as disciplinas de Português e Arte, e os outros 25% Matemática e História.

Sabendo o quanto é importante o ingresso das crianças no mundo da leitura, bem como a idade em que se inicia esse processo, o professor-leitor exerce grande influência na formação do aluno-leitor. Sobre isso Lajolo (1982, p. 29) afirma:

[...] se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos [...].

Para formar leitores é preciso ativar e apontar os conhecimentos relevantes para as questões consistentes nos conteúdos, expressado pelo texto e sua contabilidade com conhecimento prévio e com o sentido comum.

Forma leitores é uma tarefa que se abrange por toda trajetória do educando, tanto a escola como a família deve ter responsabilidade de estar sempre preparando os educandos a conceber a leitura como forma de mudar radicalmente a forma de pensar e organizar os conhecimentos como leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada, podemos afirmar que a preocupação com a organização e as práticas de ensino brasileiro vem crescendo e gerando mudanças significativas, embora, ainda não sejam suficientes para resolver o problema do fracasso no ensino da leitura, requerendo sérias mudanças nesse sentido.

Podemos inferir, também, que um dos fatores determinantes do insucesso da criança no processo de desenvolvimento da leitura está atrelado à forma de o professor conceber a alfabetização. Por essa via, os métodos de ensino utilizados, para o desenvolvimento dessa atividade, precisam ser analisados e repensados, pois geralmente utilizam-se métodos voltados para a decodificação.

Diante desse contexto, no que se refere à apropriação da leitura, faz-se necessário ao professor repensar o processo de ensino-aprendizagem em relação à aquisição da mesma, pois esta é desenvolvida a partir da concepção que este possui sobre ela.

Enfatizamos, portanto, a necessidade de tanto a escola quanto o professor refletir sobre o seu papel na formação do leitor. Uma vez que a leitura praticada de forma diária e dinâmica no contexto educacional, ativa e desperta nos educandos novos conceitos de aprendizagem visando melhoria no ato dessa atividade que tem muita significância na vida escolar do discente.

Diante do que se propõe no que tange ao desenvolvimento da leitura compreende-se que crianças que crescem em lares aonde os pais possuem o hábito de ler, cujo acesso ao material de leitura lhe é permitido, têm mais possibilidades de se tornarem bons leitores e, conseqüentemente, os que possuem esse costume aguçado têm mais condições de reivindicar uma sociedade mais igualitária, pois são capazes de expressar e defender seus pontos de vista, diferentemente dos que não lê, ou melhor, dos que não são capazes de compreender o que leem, uma vez que não conseguem construir suas próprias visões de mundo.

Porém, para tornar os educando em leitores competentes ressaltamos a importância de os professores não só utilizarem os diversos tipos de textos, mas também leiam com e para os alunos, possibilitem o manuseio de diversos materiais de leitura estimulando constantemente o hábito do ato de ler.

Ao término desta pesquisa concluímos que os métodos de alfabetização influenciam no desenvolvimento da leitura, na perspectiva de um leitor eficiente, pois quando se

alfabetiza na perspectiva do letramento desenvolve-se a capacidade de um ser ativo e não passivo, despertando nos educandos o gosto pela leitura, mostrando aos mesmos a importância e a utilidade do ato de ler, fazendo com que isto se torne prazeroso e estimulante, ampliando cada vez mais seus conhecimentos, em busca de um desempenho provido de êxito no decorrer de sua vida tanto acadêmica quanto profissional.

Pudemos confirmar, também, que a escola ainda utiliza-se de métodos de alfabetização baseados na decodificação, métodos estes desprovidos de significância para a vida do aluno, uma vez que, a leitura por meio da decifração não favorece o processo de aprendizagem na perspectiva do letramento. Constatamos, ainda que o sucesso da aprendizagem da leitura das crianças, embora, esteja em grande parte ligado a fatores pedagógicos também está relacionado a outros fatores de cunho psicológicos, necessitando muitas vezes da ajuda de outros profissionais para que se possa ter êxito.

Assim, a pesquisa nos forneceu subsídios, os quais demonstram que o trabalho com a leitura em sala de aula tem sido fragmentada e direcionada de maneira que não atingem as dificuldades apresentadas pelos discentes, pois a partir das observações que realizamos em sala de aula percebemos que ainda existem muitas oposições entre prática e teoria docente, o qual embora compreendendo a importância da leitura desde cedo na vida das crianças, conforme 100% das respostas, e 75% acreditar que alfabetização é a capacidade de interpretar os sistemas gráficos associando-os as práticas sociais, esse ponto se diverge nas práticas e até mesmo nas respostas quando (os mesmos 75%) afirmam que “o professor é um leitor-modelo quando apenas mandam seus alunos lerem todas as aulas”. Isso é bastante contraditório.

Com relação aos alunos apesar de 87% afirmarem que gostam de ler, 47,5% declaram ter lido apenas dois livros. Essa é outra questão contraditória e a escola precisa analisar o que está acontecendo, pois pode ser que esses alunos não tenham acesso a livros na escola, já que em casa é bem mais difícil esse acesso.

Esperamos que essa pesquisa sirva para reflexão de todos que tem o interesse em desenvolver no aluno o hábito pela leitura, a fim de poder encontrar os melhores caminhos e superar as dificuldades encontradas para efetivação de tal atividade.

Enfim, finalizamos lembrando que quando falamos que a escola precisa assegurar esse direito, referente às diversas práticas de leitura, a ‘todos’ os estudantes esclarecemos ainda que essa deve ser uma preocupação de todos os envolvidos no processo educacional, em realmente garantir o direito ao acesso a acervos textuais diversos aos estudantes. Principalmente, aqueles provindos de família cuja prática de leitura e escrita lhe foi

negada, uma vez que, ao negar esse direito ao educando a escola está contribuindo com o crescimento das diferenças sociais já existentes. E que, conseqüentemente a partir do momento que asseguramos esse direito, às crianças, buscamos diminuir essas diferenças.

REFERÊNCIAS

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Lei Nº 12.796, de 04 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

CARNEIRO, Niedja Maria. **O despertar para uma leitura mais prazerosa**. In: Formação continuada de professores. Nov. 2002.

GALVÃO, Andréa Cavalcanti; LEAL, Telma Ferraz. Há lugar ainda para métodos de alfabetização?: Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola>. In: **Alfabetização apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CAVALCANTI, Joana. **Leitura: O despertar da cidadania**. 1ª ed. Recife: Unesco, 2002.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Artmed, Belo Horizonte: Vozes, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra: 25 ed. 2002.

LAJOLO, Marisa. O texto em sala de aula. In ZILBERMAN, Regina (org). **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2004.

MATA, L. **A Descoberta da Escrita**. Lisboa: Ministério da Educação, (2008).

Ministério da Educação [M.E]. (1997). **Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar**. Departamento da Educação Básica. Lisboa: Ministério da Educação.

MORTATTI, Maria do Rosário L. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

SANCHEZ, Jesús Nicasio Garcia. **Dificuldades de Aprendizagem e Intervenção Psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SMITH, F. **Leitura significativa** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr, nº 25. 2004. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a resignificação do conceito**. Alfabetização e Cidadania. Belo Horizonte: Autêntica, (2003).

_____. **Trilhas do aprendente (vol. 8 – nº 2)**. Universidade Aberta do Brasil – UAB. Centro de Educação – CE. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

YUNES, Eliana. **A leitura e a formação do leitor**: questões culturais e pedagógicas. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1985.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: A aprendizagem da leitura no período de alfabetização

Nome da Pesquisadora: Ademilsa Maria da Silva

Nome do (a) Orientador (a): **Prof. Rosemary Evaristo**

1. **Natureza da pesquisa:** *o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade analisar a importância da leitura na educação infantil.*
2. **Participantes da pesquisa:** Professores e Educandos.
3. **Envolvimento na pesquisa:** *ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o (a) pesquisador (a) coloque suas informações na pesquisa. A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.*
4. **Riscos e desconforto:** *a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.*
5. **Confidencialidade:** *todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.*
6. **Benefícios:** *ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a importância dos contos na educação infantil, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa (...), onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.*
7. **Pagamento:** *a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.*

Após estes esclarecimentos, **solicitamos o seu consentimento de forma livre** para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa:

TELEFONES

Pesquisador: Ademilsa Maria da Silva

Orientador: e-mail: rosemaryead2008@yahoo.com.br

Questionário para o professor

- 1- O professor é um leitor-modelo quando apenas manda seus alunos lerem todas as aulas?
Sim ()
Não ()

- 2- Desde cedo o aluno da alfabetização deve manusear textos, mesmo sem saber ler?
Sim ()
Não ()

- 3- Será que a escola está dando espaço para a criatividade do aluno?
Sim ()
Não ()

- 4- Por não se investir na competência dos alunos, muitos saem da escola como analfabetos funcionais?
Sim ()
Não ()

- 5- Alfabetização é a capacidade de interpretar os sistemas gráficos associando-os as práticas sociais?
Sim ()
Não ()

Questionário para o aluno

Assinale com X cada preferência sua.

1- Você gosta de ler?

() Sim () Não

2- Com que idade você começou a ler?

() 6 anos () 7 anos () 8 anos () 9 anos () 10anos () 11 anos

3- Marque quantos livros você já leu?

() + de 10 livros () 2 livros

() 10 livros () 1 livro

() 5 livros () nenhum

() 3 livros

4- Em sua casa quem costuma ler sempre?

() mãe () pai () avó () avô () irmão () tia () ninguém.

5- Qual matéria você mais gosta?

() Português

() Matemática

() História

() Geografia

() Arte

() Ciências